

## modernismo em manga de camisa

Édison de Oliveira

O Movimento Modernista na Literatura, bem como nas demais artes, tem suscitado, da parte do público, as mais controvertidas opiniões: "Arte efetivamente destemida!", "Coisa de loucos", "A coragem de derubar protocolos seculares e exaustos", "A comodidade de escrever sem técnicas..." etc.

Ao vibrante entusiasmo de certos leitores capazes de valorizá-lo ao ponto de não mais aceitarem literatura tradicional, contrapõe-se a revolta ou a apatia de outros.

A indiferença de parte do público tem, talvez, a justificá-la, entre outras causas, o fato de não se haver fixado objetivamente uma "estética oficial", o que, diga-se de passagem, seria contraditório, uma vez que a tônica do Modernismo é a defesa da dignidade estética. Entendem os modernistas que, ao oficializarem, como definitivo, um esquema estético, estariam limitando o artista e, conseqüentemente, frustrando a dignidade da Arte.

Essa ausência de protocolos formais e estruturais definitivos leva, muitas vezes, a entender que qualquer um possa fazer modernismo, porquanto não existem técnicas a respeitar, o que, conseqüentemente, dispensaria anterior educação artística.

Há, entretanto, certo equívoco em conclusão como essa.

Na verdade, não existe uma técnica estrutural e estilística definitiva a respeitar. Mas há uma técnica! Há uma técnica a *inventar*.

E o poder inventivo, quando autêntico, exige até mais educação do que o poder imitativo. Se é verdade, por exemplo, que, para tocar ao

piano música tradicional, é preciso saber tocar piano, também é verdade que ninguém poderia *inventar* uma nova e revolucionária partilha musical sem ter antes aprendido a manejar o instrumento. O verdadeiro modernista jamais confundirá a obrigação de criar uma técnica pessoal com o direito de escrever sem técnica.

É claro que sempre haverá abusos; é lógico que sempre haverá os que tentarão disfarçar sua mediocridade sob o véu de um "bossanovismo" personalíssimo.

Mas êsses não se consagrarão, a não ser perante incautos.

A História da Literatura omiti-los-á; ou, se forem beneficiados contemporaneamente por crítica equivocada, generosa ou suspeita, ainda receberão o veredicto sisudo e imparcial do futuro.

Outro fator que, em nossa opinião, leva parte do público a alienar-se do Modernismo, é a falta de "doutrinação" em termos claros.

Há certa crítica que não se digna, nem excepcionalmente, a explicar obras modernas, a não ser mediante uso de nomenclaturas complicadas e pedantes, o que leva temperamentos objetivos a suporem que a leitura dessas obras exija profunda iniciação. E, às vezes, acontece o pior: supõe-se que o crítico, na impossibilidade de explicar algo que é, de fato, inexplicável, tenta esconder êsse "absurdo" por trás de um palavreado complexo.

Com efeito, o Modernismo não necessita pròpriamente ser explicado, eis que pretende levar o leitor a *sentir* algo e não tanto a *compreender* algo.

Costuma-se dizer que o Modernismo é ilógico, mas com isso não se quer dizer que seja "ilógico" no sentido de "absurdo"; o termo "ilógico" sugere a idéia de que a composição modernista se dirige antes ao sentir do que ao entender. Por outro lado, "entender" está aqui empregado na acepção específica de "acompanhar algo com o raciocínio", o que supõe algo cujas partes mantenham palpável relação lógica.

O romance tradicional é uma sucessão de fatos que se encaixam LÓGICAMENTE uns aos outros, formando um enredo.

O romance modernista é a apresentação de vivências psicológicas ou sentimentais, não havendo interêsse em encaixá-las umas às outras à maneira de um enredo, porque, para os modernistas, o que importa são essas vivências mesmo e não o enredo que resultaria do habilidoso encaixe entre elas, graças a uma sucessão lógica. Cada uma delas vale sózinha; vale por si mesma; vale independentemente. Nada impede que o escritor possa relacioná-las por um fiozinho muito sutil, porém chegar a relacioná-las de maneira manifestamente lógica seria acabar num enredo e isso o modernista não deve fazer.

Por quê? Porque tentar substituir o gôsto de acompanhar enredos pelo gôsto de presenciar vivências é, talvez, a inovação estrutural mais marcante que o atual movimento artístico procura conquistar.

Os enredos são feitos para ser acompanhados pelo raciocínio, pela

compreensão no que se refere a uma determinada linha unificadora que interliga logicamente todos os lances.

As vivências, porém, são descritas, não para serem deduzidas quanto à conexão que porventura encerrem; basta que sintamos a verdade sentimental ou psicológica que cada uma contém, independentemente da outra ou das outras.

Não há, por conseguinte, quanto ao Modernismo, maior necessidade de *compreender*, senão de *sentir*.

Reconhecemos, entretanto, que embora não haja muito a explicar sobre uma obra moderna, o papel da crítica, como preconizadora da composição artística, é de suma importância, pois sempre haverá algo em que o público deverá ser orientado. Seria oportuno e proveitoso, para maior repercussão de público, que a crítica, por vezes, ousasse traçar sua orientação dentro de uma linguagem mais simples, menos nomenclaturizada; uma linguagem sem fraque e sem cartola; uma linguagem em manga de camisa!

Diga-se, ainda, que o Modernismo não revolucionou a arte literária apenas no que se refere à estrutura, ou seja, à maneira de conduzir o tema; também no que se refere ao estilo a usar, tem-se chegado a inovações inéditas.

O que mais chama a atenção de um leitor menos prevenido é que o estilo modernista acolhe, com dignidade, todos e quaisquer vocábulos (gírias, termos populares, estrangeirismos, palavras) num verdadeiro desafio à capacidade do artista de extrair efeito estético de qualquer material, inclusive daquele que a tradição, por razões que não queremos julgar, vem, milenarmente, pondo à margem da Arte, atitude que, segundo a mentalidade moderna, vai de encontro à autonomia do artista, uma vez que limita o material de que ele se pode servir.

A sintaxe, ou seja, a maneira de construir a frase, também faculta ao escritor o direito a usar todas as construções, desde as tradicionais até as que são alheias à Gramática e as que têm caráter restritamente pessoal.

Algo também que, em matéria de estilo, não deixa de ser uma inovação respeitável, pôsto que já tenha existido, em diferentes circunstâncias, na Escola Simbolista, é a musicalidade ou expressividade. Consiste em explorar os vocábulos não apenas em seus significados lógicos, mas em seu valor como som. A expressividade pode ser vocabular propriamente, ou sintática, sendo que, no segundo caso, falaríamos com mais propriedade se disséssemos "ritmo".

A expressividade vocabular (e note-se que estamos dizendo "expressividade" no sentido de força, vigor; força não tanto do ponto de vista do significado, senão da sugestão sonora) põe em evidência a escolha de palavras de surpreendente sonoridade, sendo que, na procura de sons exóticos, o escritor pode, inclusive, inventar termos.

A expressividade sintática revela a graça musical que decorre da leitura de toda a frase, não tanto pela força de cada palavra em si, mas pelo impacto resultante do conjunto.

A rigor, essas duas facetas coexistem, não sendo sensato imaginá-las separadamente; o que pode ocorrer, isto sim, é a predominância de uma sobre a outra.

Vêzes há em que o escritor, valorizando sobremaneira esse aspecto de seu estilo, nada ou quase nada de significado lógico nos deixa em uma frase, em um período ou em um trecho. Nesse caso, o leitor inexperiente ficará plantado diante do texto, a procurar, inadvertidamente, uma explicação lógica.

Finalmente, o gosto pelo uso de símbolos, iniciado também na Escola Simbolista, continua amplamente valorizado na literatura atual, razão por que nem sempre personagens, fatos e cenários devem ser interpretados ao pé da letra.

Encerrando, gostaríamos de frisar, ainda uma vez, que o fundamental no Modernismo é seu propósito de assegurar ao artista sua dignidade de arauto, por excelência, da beleza, liberando-o de todas e quaisquer restrições temáticas ou estéticas.

Se tem havido abuso, não deixa de ser verdade que também temos tido ensejo de presenciar manifestações artísticas tão autênticas por sua mensagem de beleza, quanto estarrecedoras pela técnica e o material estético inusitados de que se serviram.

Não nos deixemos então, apesar dos abusos, envolver por ceticismo: há Arte sim (e da verdadeira) em nossos dias.

Aliás, não seria o Modernismo que iria impedir isso, porque as escolas literárias não são a Arte, mas uma fórmula atualizada de tradução para ela. O que torna verdadeira uma obra de arte não é a temática ou material estético que estejam em voga em uma determinada época, mas o sôpro vivificador do artista autêntico.

Quem tributasse ao Modernismo a responsabilidade pelos sucessos e insucessos da literatura atual, ainda não teria aprendido a ver a Arte no que ela tem de realmente perene.